

# O manifesto dos mineiros

» SACHA CALMON

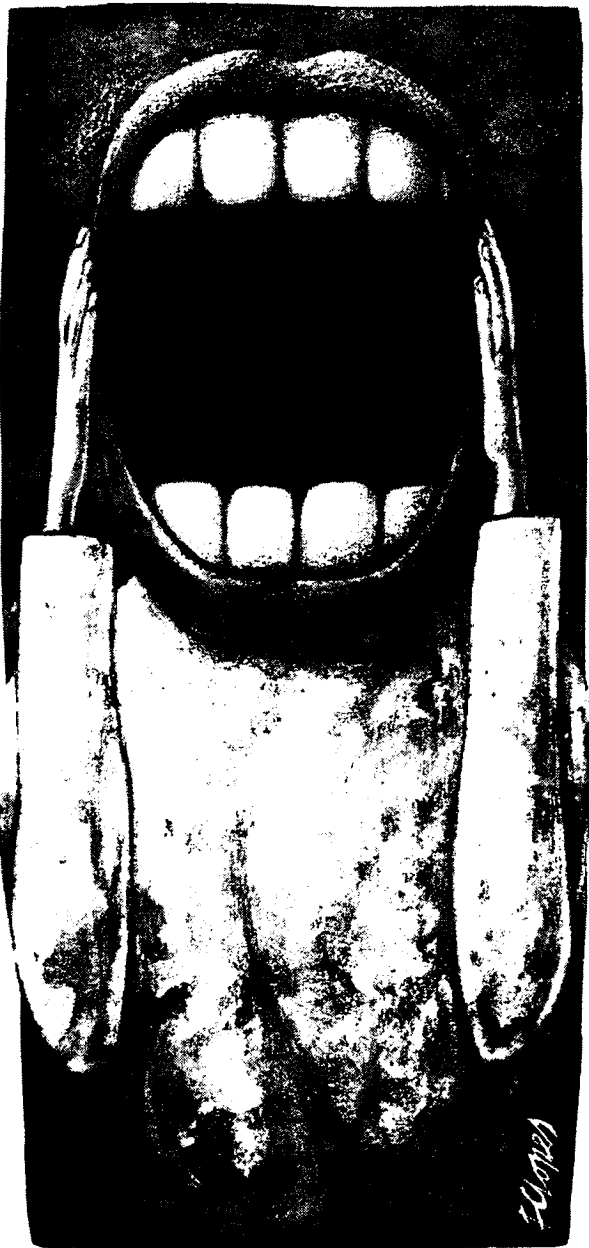
Advogado, coordenador da especialização em direito tributário das Faculdades Milton Campos, ex-professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), presidente da Associação Brasileira de Direito Financeiro (ABDF) no Rio de Janeiro

**P**aíses são como organismos vivos. De repente, empacam e não tem PAC que dê jeito. Não acontece instantaneamente. A coisa vem vindo e, de repente, os países param. É a estagnação, o pior dos mundos. O país não cresce ou cresce muito pouco. A inflação sobe, os consumidores se retraem, os produtores não aumentam a produção, os planos de investimento são adiados e o temor do desemprego instala-se soberano.

Isso acontece por fatores externos e internos. Os externos, no nosso caso, abarcam o colapso da Venezuela e da Argentina, a transformação dos EUA e da União Europeia de consumidores em concorrentes, a penetração da indústria chinesa e a queda nos preços do agronegócio, embora altamente competitivo, em que pese a péssima infraestrutura de estradas e portos.

Os fatores internos são: (a) a alta tributação sobre o consumo de bens e serviços (chega a 72% na cervejinha do consumidor final), encarecendo tudo entre 30% a 50%; (b) os aumentos trabalhistas e sociais muito acima da produtividade do fator trabalho; (c) o crédito caro (juros altos); (d) o câmbio controlado artificialmente; (f) a precariedade da mão de obra; (g) o controle dos preços dos transportes, energia e derivados do petróleo, insumos universais que entram no custo de tudo quanto se faz; (h) a má gestão dos recursos públicos. O governo federal gasta muito e gasta mal. E não fiscaliza seus gastos, apesar de tudo dificultar com uma burocracia estafante, como observado por Ciro Gomes, ao comparar o atual governo aos tempos do vibrante Juscelino.

O resultado eleitoral vai nos levar à estafa ou a novos tempos. Segundo os analistas, a reeleição da presidente atual será mais do mesmo. Não se espera que a máquina político-administrativa, montada há 12 anos, se altere, nem tampouco, o pensamento socializante e o viés estatista. Aduzem que somente com Aécio Neves, uma visão social-democrata será possível, implicando independência do Banco Central; privatização rápida de portos, estradas, ferrovias, hidrovias, aeroportos, usinas elétricas; um câmbio realmente flutuante; o cumprimento do regime de metas de inflação; superávits primários consistentes e prevalência da lei da oferta e da procura.



Economistas de peso atribuem às trapalhadas contábeis e ao controle absurdo dos preços da energia e do petróleo do governo Dilma o clima de descrédito e desconfiança que envolve o país, diferentemente de outros latino-americanos, como o Chile, o Peru, a Colômbia e o México, todos exercentes de regimes democráticos e adeptos da iniciativa privada na área econômica.

Nenhum deles pratica as políticas estatizantes e bolivarianas que infelicitaram a Venezuela, a Argentina e começam a atingir o Brasil, o país que menos crescerá na região, excetuados os dois acima mencionados,

que já estão em recessão econômica, crise social e inflação galopante, o que tememos venha a acontecer conosco.

Candidato algum vai acabar com o Bolsa Família. Mas a questão é como sair de um sistema assistencialista que perpetua a miséria e o ócio, a ponto de desincentivar a procura por emprego — o desemprego real do Brasil é de 9%. O índice de 5% é absolutamente irreal. São 62 milhões de brasileiros assistidos pelo programa. Pelo menos 25 milhões não trabalham nem querem, segundo pesquisa recente. Pleno emprego e criminalidade alta não combinam.

É consenso entre os economistas que o modelo de crescimento dos governos do PT, baseado em aumentos salariais acima da produtividade do emprego e de estímulos ao consumo, esgotou-se. Para crescer — tese igualmente consensual —, será preciso convocar o setor privado mediante privatizações, concessões e parcerias público-privadas, visto que a capacidade de investimento dos governos federal e estaduais estagnou em 3,1% do PIB, quando é necessário, no mínimo, algo como 22% do PIB (na China é de 32% do PIB).

Ora, retirar o Estado da economia e cessar o intervencionismo não está no DNA do PT, muito menos no de Dilma, razão suficiente para os analistas políticos nacionais e internacionais aumentarem o pessimismo em relação ao país, caso a presidente alcance a reeleição. Pode-se considerar unânime a opinião de que o atual governo do Brasil tomou decisões erradas: arruinou a Petrobras, com controles de preços dos derivados e má gestão (hoje a petroleira mais endividada do mundo), e também o sistema elétrico, com os preços da energia alcançando os mais altos níveis do planeta, sem falar na “contabilidade criativa” para esconder os deficits governamentais e o comprometimento do Pró-álcool.

Os eleitores, certamente, haverão de concluir que uma presidente que se elegeu com supostos dotes gerenciais não mostrou a que veio. Ao tempo da eleição de Lula dizia-se que a esperança venceu o medo. Hoje é o medo do PT que pode nos trazer de volta a esperança. Os mineiros têm o dever de salvar o Brasil.